

## TRAÇOS DA FENOMENOLOGIA DE MAX SCHELER NA OBRA DE LIMA VAZ

### FEATURES OF MAX SCHELER'S PHENOMENOLOGY IN THE WORK OF LIMA VAZ

ANDRÉ DAMASCENO BARBOSA<sup>1</sup>  
NILO RIBEIRO JÚNIOR<sup>2</sup>

**Abstract:** The article aims to identify features of Max Scheler's phenomenology in the work of Henrique Cláudio de Lima Vaz. It is intended to deepen the understanding of the thought of this Brazilian philosopher still little explored in the academic environment, through the approximation of other philosophical sources implicit in his ethical writing. In the first moment, it is a question of investigating the influence of Scheler's moral personalism on the ethical issue in Lima Vaz. In the second, we intend to advocate the originality of Philosophical Ethics in relation to Schelerian thought thanks to the author's ethical-philosophical system that allows his thought to be situated in a more elaborated sphere of philosophical knowledge.

**Keywords:** Lima Vaz, Max Scheler, Phenomenology, Ethics.

**Resumo:** O artigo visa identificar traços da fenomenologia de Max Scheler na obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Pretende-se aprofundar a compreensão do pensamento deste filósofo brasileiro, ainda pouco estudado, através da aproximação de suas escrituras com as fontes filosóficas implícitas. No primeiro passo, trata-se de investigar a influência do personalismo moral de Scheler sobre a questão ética em Lima Vaz. No

**Résumé:** L'article vise à identifier les caractéristiques de la phénoménologie de Max Scheler dans l'œuvre de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Il vise à approfondir la compréhension de la pensée de ce philosophe brésilien, encore sous-exploré dans la contemporanéité, à travers le rapprochement d'autres sources philosophiques implicites dans son écriture éthique. Dans un premier temps, il s'agit d'étudier l'influence du personnalisme moral de

---

<sup>1</sup> Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Brasil. E-mail: [andredamasceno-barbosa@outlook.com](mailto:andredamasceno-barbosa@outlook.com). ORCID: 0000-0002-1552-8508

<sup>2</sup> UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco da Escola de Educação e Humanidades do PPG-Filosofia. e-mail: [prof.ribeironilo@gmail.com](mailto:prof.ribeironilo@gmail.com) ORCID: 0000-0003-1100-718X

segundo passo, intenciona-se propugnar o ineditismo da *Ética Filosófica* em relação ao pensamento scheleriano graças ao sistema ético-filosófico do autor, que faz com que seu pensamento possa ser situado numa esfera mais elaborada do saber filosófico.

**Palavras-chave:** Lima Vaz, Max Scheler, Fenomenologia, Ética.

Scheler sur la question éthique à l'horizon philosophique de Lima Vaz. Dans un second temps, il s'agit de promouvoir l'originalité de l'éthique philosophique par rapport à la pensée schélérienne grâce au système ético-philosophique de l'auteur, qui lui permet de se situer dans une sphère plus élaborée de la connaissance philosophique.

**Mots-clés:** Lima Vaz, Max Scheler, Phénoménologie, Éthique.

## Introdução

Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) é um filósofo brasileiro, contemporâneo, cuja relevância para a filosofia pode ser certificada por meio de sua vida enquanto professor e pela envergadura de sua obra. Vida e obra em Lima Vaz se coincidem, pois, para o jesuíta, a filosofia é *forma de vida e vocação*. Isso significa que suas obras são produzidas como respostas às aporias de seu próprio tempo, à luz do conceito, seguindo a intuição hegeliana<sup>3</sup>, sempre em diálogo com as mais diversas áreas da filosofia e dos saberes científicos, como a psicologia, a ciência e a história.

Esse cuidado com o entendimento das questões filosóficas, com a profundidade da interpretação, bem como com a atualidade dessas questões pode ser exemplificado a partir dos posicionamentos do filósofo jesuíta a partir da segunda metade do século XX, quando ele regressa da Europa. Lima Vaz parte para Roma em 1945 para estudar Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Após concluir seus estudos com uma dissertação intitulada *O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás*, dirige-se a Espanha para completar sua formação religiosa e retorna à Roma para o doutorado em Filosofia. Em 1953, Lima Vaz defende a tese *De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis* e, neste mesmo ano, retorna ao Brasil. É importante relembrarmos esses fatos históricos da vida de Lima Vaz, pois, se atentarmos às datas, podemos perceber que o jesuíta chega à Europa num momento cujo cenário era o da devastação causada pela Segunda Guerra Mundial. Esse cenário, conseqüentemente, influenciou sua visão sobre o mundo, sobre o *outro* e sobre as relações intersubjetivas. Essa influência pode ser observada na sua trajetória e nas opções teóricas que adotou.

<sup>3</sup> Cf. Henrique Cláudio de Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2* (São Paulo: Edições Loyola, 2004), 232.

Podemos citar, como exemplo de sua trajetória, a atuação como mentor da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular (AP) na década de 60. Durante esses anos, ele escreveu diversos artigos sobre as questões políticas, sociais e econômicas de seu tempo. Esses artigos foram de grande influência para aquela juventude acadêmica<sup>4</sup>, e são predecessores daquela que viria a se tornar sua teoria do ser humano (*Antropologia Filosófica*) e teoria da *práxis* (*Ética Filosófica*), ambas permeadas estruturalmente pela *Metafísica*.

Do ponto de vista das opções teóricas, Lima Vaz assume em suas escrituras elementos de diversas correntes filosóficas, a fim de enriquecer a concepção e fundamentação de sua obra diante desse novo e conturbado movimento histórico e social. Majoritariamente, pode-se identificar a matriz metafísica de seu pensamento, assente em nomes como Platão, Aristóteles, S. Tomás de Aquino e Hegel. Também é possível identificar uma grande influência do personalismo cristão, representada por Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Martin Buber, entre outros. Contudo, ao analisar sua obra, pode-se notar uma terceira influência, não tão comentada pelos estudiosos de Lima Vaz: a corrente fenomenológica. É justamente essa influência que gostaríamos de destacar neste artigo a fim de demonstrar que, na obra de Lima Vaz, a fenomenologia possui papel consolidado e fundamental.

Como sabemos, a fenomenologia é uma corrente filosófica que surge no século XX como resposta ao psicologismo emergente do século XIX, ao racionalismo cartesiano e ao formalismo kantiano. Como o próprio nome sugere, o objetivo da fenomenologia é voltar a atenção para a natureza da experiência humana em sua imediatez e clareza. Ou seja, a fenomenologia busca investigar como as coisas acontecem e aparecem através de nossa consciência.

No momento histórico em que surge, uma das novidades trazidas pela fenomenologia são os elementos em prol da reflexão ética, tanto do ponto de vista conceitual, quanto do ponto de vista histórico-social. Isso porque o século XX tem a marca de um acontecimento humano sem precedentes e que redefiniu o paradigma do progresso provindo da racionalidade, da intelectualidade e do desenvolvimento tecnológico que emergia no fim do século XIX e no início do século XX. O holocausto ou Shoah “não é um acontecimento histórico, mas, simultaneamente, o evento prototípico e a expressão mais aguda de uma matriz racional”<sup>5</sup>. Ou seja, afigura-se como uma marca catastrófica do risco sócio-humanitário da civilização planetária, cuja raízes

---

<sup>4</sup> Segundo informações disponíveis em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6506-lima-vaz-biografia>

<sup>5</sup> Ricardo Timm Souza, *Ética como fundamento II: Pequeno tratado de ética radical* (Caxias do Sul, RS: EducS, 2016), 27.

e condições de possibilidades assentam no desenvolvimento desmedido da técnica e do puro racionalismo. Depois deste evento deplorável da história, a reflexão sobre o ser humano e sobre a estrutura das relações humanas *não pode ser a mesma*.

A fenomenologia, de algum modo, fortalece-se justamente ao refletir sobre a emergência da consideração do *outro* no contexto de guerras e de entreguerras. O *outro* perspectiva-se não somente como outro sujeito-objeto (ou sujeito objetificado, ou simplesmente como objeto, como número) de deveres e direitos, mas na consideração do outro como unidade, como o evento determinante das relações interpessoais que, em última instância, são as relações dadas na ambiência do *ethos*. Relações que constituem tanto esta ambiência, quanto o sujeito.

Uma vez que a reflexão não pode ser a mesma, estruturar um sistema filosófico sem considerar as novidades filosóficas que surgiram na contemporaneidade como respostas aos problemas paradigmáticos da época seria, no mínimo, insuficiente. Lima Vaz, filósofo atento às questões de seu tempo e ao desenrolar da história, concebe o aspecto fenomenológico de sua filosofia à luz da fenomenologia contemporânea iniciada por E. Husserl e desenvolvida por nomes como M. Scheler, M. Heidegger, E. Levinas, M. Henry, entre outros. Logo, o aspecto fenomenológico presente no pensamento lima-vaziano mostrou-nos a necessidade de pensarmos a sua obra *outramente*.

Para ajudar-nos nessa inflexão do pensamento lima-vaziano, salientamos a influência específica de Max Scheler, uma vez que o processo metodológico da construção de um texto filosófico não nos permitiria analisar enfaticamente cada um dos autores supracitados. Pensamos, também, que a análise generalizada da fenomenologia poderia esvaziar o objeto deste estudo ou, ao menos, pulverizá-lo. Escolhemos Scheler e não Husserl, por exemplo, pois notamos que existe uma presença marcante do pensamento scheleriano na obra de Lima Vaz, um acento dado pelo autor ouropretano, mesmo quando o posicionamento scheleriano não é por ele assumido. Veremos, por exemplo, que há aspectos da dimensão fenomenológica da reflexão lima-vaziana que optam pela solução heideggeriana em desfavor de Scheler. Contudo, Lima Vaz não se esquiva de mostrar-nos a perspectiva de Scheler como uma perspectiva importante<sup>6</sup>. Nesse sentido, fomos impelidos a concluir o texto ressaltando de que modo pode-se dizer que Lima Vaz supera o pensamento scheleriano, ou melhor, de que modo Lima Vaz eleva racionalmente sua reflexão sobre o ser humano e sobre a ética para além da análise do fenômeno do *ethos*. Em suma, acreditamos que essa análise metódica a partir da janela fenomenológica – para falarmos como Heidegger – pode ajudar-nos a com-

---

<sup>6</sup> Veremos que os momentos em que Lima Vaz não assume o posicionamento de Scheler são justificados pela diferença de opções filosóficas de cada um dos autores.

preender a intuição lima-vaziana de modo mais rico e profundo. Salientamos que não há a pretensão de identificar chaves de leitura a partir da fenomenologia, pois esse não é o aspecto principal da obra de Lima Vaz. Pretendemos pincelar os aspectos da influência fenomenológica, a fim de ampliarmos o campo de compreensão da obra. Em tempo, essa também não é uma tentativa de exaurir o tema; o artigo fará uma exposição pontual das citações de Lima Vaz a Max Scheler, e não uma sistematização delas.

Para encontrar os traços da fenomenologia na obra de Lima Vaz, dividimos o artigo em duas seções. A primeira seção irá pontuar as citações de Lima Vaz a Scheler nas obras da *Antropologia Filosófica*. A segunda seção se dedica às referências feitas nas obras de *Introdução à Ética Filosófica* e faz um gancho com a *Metafísica*. Partiremos da *Antropologia Filosófica*, já que ela é o pressuposto para a *Ética Filosófica*, e terminamos a exposição, de alguma maneira, com a metafísica, pois, segundo Lima Vaz, “não há ética sem metafísica”<sup>7</sup>. Esse percurso justifica-se em dois sentidos e parte justamente do fenômeno do *ethos*: o primeiro no que diz respeito ao objeto da ética, isto é, à manifestação do *ethos* no ser humano: a razão prática, o segundo no que diz respeito ao sujeito, isto é, à manifestação do ser humano no *ethos*, na existência concreta, no aqui e agora do existir em sociedade, mediado pelo universal da razão prática. Juntos, estes dois sentidos expressam a circularidade dialética do *ethos* em sua dimensão ética e antropológica (o *ethos* e o ser humano). Sabe-se que a circularidade existente entre o objeto da ética (o *ethos*) e o agir racional (*práxis*) do homem na forma do hábito (*héxis*) é analisada por Lima Vaz do ponto de vista fenomenológico.

O desenvolvimento do discurso da *Ética Filosófica* parte exatamente da fenomenologia do *ethos* e sustenta-se estruturalmente no fenômeno do *ethos*. Fundamenta-se por via ontológica e retoma o *ethos* na forma de seu agir ético. Esse tema foi primeiramente abordado nos *Escritos de Filosofia II*<sup>8</sup>, retomado esquematicamente no primeiro capítulo dos *Escritos de Filosofia IV*<sup>9</sup> e sintetizado nos *Escritos de Filosofia V*, onde o autor diz: “Como foi mostrado na Fenomenologia do *ethos*, a universalidade da razão prática se manifesta sob a forma do saber ético, assim integrado na estrutura antropológica do fenômeno do *ethos*”<sup>10</sup>.

Ou seja, *de fato* há a correspondência entre a ética e a antropologia, correspondência esta regida pela razão prática na forma do saber ético. Neste

<sup>7</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V*, 242.

<sup>8</sup> Cf. Lima Vaz, *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura* (São Paulo: Edições Loyola, 2013), 11-16.

<sup>9</sup> Cf. Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I* (São Paulo: Edições Loyola, 1999), 35-45

<sup>10</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V*, 27.

sentido, iremos iniciar essa análise a partir da estrutura antropológica do fenômeno do *ethos* e finalizá-la fazendo as conexões com a dimensão ética do existir do homem.

### **Seção 1: A fenomenologia na antropologia filosófica de Lima Vaz**

Dedicaremos essa seção à análise das citações que Lima Vaz faz à obra de Max Scheler na *Antropologia Filosófica I* e *Antropologia Filosófica II*. Nos textos destes dois livros, Lima Vaz cita Max Scheler em pontos específicos. Essas citações podem ser encontradas na *introdução geral* da obra, na *rememoração histórica*, na *categoria de espírito* e nas seções sobre as *relações fundamentais do ser humano* e *unidade fundamental do ser humano*, especificamente nas categorias da *objetividade*, da *intersubjetividade* e da *pessoa*. Veremos que Lima Vaz nem sempre assume o posicionamento scheleriano para conceber o fundamento do conceito que está sendo tratado. Veremos que a principal razão para esse afastamento consiste na própria opção teórica de Lima Vaz que se apoia num dos objetos de crítica da fenomenologia: a metafísica clássica. Contudo, mesmo que haja essa diferença basilar, ela não exclui a contribuição da fenomenologia scheleriana no pensamento de Lima Vaz, principalmente – como veremos na seção a seguir – em algumas categorias da ética, como na categoria de consciência moral e de virtude. A constatação de que a matriz fundamental do pensamento lima-vaziano, isto é, a metafísica clássica, não exclui a possibilidade de uma análise fenomenológica da realidade pode refutar a própria crítica moderna à metafísica. Isto é, um pensamento de matriz metafísica não exclui a análise da realidade fenomênica. Ao contrário, ele parte justamente dessa realidade e, num movimento dialético que, ao mesmo tempo que ascende à unidade do ser, descende à realidade empírica numa dinâmica de constante ressignificação. Veremos, então, como se dá este processo dialético.

A *Antropologia Filosófica* de Henrique Cláudio de Lima Vaz é um discurso conceptualmente organizado sobre a experiência do ser humano. Quando falamos em antropologia, ou seja, quando falamos do estudo racional sobre o ser humano, falamos do movimento cujo sujeito coloca-se como objeto de reflexão. Logo, a experiência analisada no discurso da antropologia é a experiência do humano-sujeito enquanto objeto. O que significa dizer que o ser humano se experimenta a si mesmo como sujeito situado, numa dada ambiência (que mais tarde veremos que é a ambiência do *ethos*) onde, ao interrogar-se sobre si e sobre sua experiência faz-se objeto da reflexão. Enquanto ser situado, isto é, limitado pela dimensão objetiva que o constitui, o ser humano faz-se sujeito interrogante. Para Lima Vaz, o ser humano não é puramente um sujeito dado arbitrariamente e normativamente, mas sua própria

dimensão constituinte, marcada pelos princípios de inteligência e liberdade, faz com que ele se manifeste de modo originário e espontâneo. Sendo assim, ao observar que seu modo de experienciar o mundo é peculiar, e que não há como intuir diretamente sobre si mesmo, o ser humano vê-se num constante questionar com o intuito de significar sua existência concreta<sup>11</sup>.

No texto da *Antropologia Filosófica*, Lima Vaz cita Scheler para descrever o fenômeno do ser humano no *ethos*. Podemos entender essa possibilidade da seguinte maneira: Lima Vaz, um autor assumidamente metafísico, não concebe sua obra somente no plano inteligível. Todo o caminho dialético presente na obra do filósofo brasileiro possui seu ponto de partida na realidade sensível, ou seja, no que é inteligível para nós, e caminha em direção à inteligibilidade em si<sup>12</sup>. A inteligibilidade em si é o fundamento último de significação e de sentido do plano sensível. Logo, para chegarmos à inteligibilidade em si, temos de partir do dado, do empírico, temos de partir do fenômeno do ser humano e do fenômeno do *ethos*. Quando partimos dessa realidade fenomênica e avançamos em direção à realidade suprassensível encontramos nela as respostas ontológicas e essenciais de significação do real. Ao contemplarmos intuitivamente a realidade inteligível devemos retornar ao fenômeno e, mais do que simplesmente retornar, devemos ressignificá-lo e modificá-lo através dos atos pessoais<sup>13</sup>. Portanto, o ponto de partida tanto da *Antropologia Filosófica*, quanto da *Ética Filosófica* é simultaneamente seu termo. Consequentemente, se a fenomenologia é o ponto de partida da análise, ela também será o ponto de chegada, pois é na ambiência do fenômeno do *ethos* que a existência humana se realiza essencial e existencialmente. Para compreendermos esse movimento e a influência do pensamento de Max Scheler em sua concepção, vamos analisar as citações extraídas do texto de Lima Vaz sobre Max Scheler e sobre a corrente fenomenológica como um todo.

A antropologia filosófica tal como a conhecemos hoje, enquanto disciplina, surgiu recentemente na história da filosofia. No primeiro volume da *Antropologia Filosófica*, Lima Vaz cita de modo enfático a importância de Max Scheler a respeito deste saber. A primeira citação dá-se logo na segunda página da introdução, onde Lima Vaz afirma que Max Scheler fez uma “análise aguda” sobre a crise emergente da objetificação do ser humano pelas novas ciências humanas e naturais<sup>14</sup>. Um pouco mais à frente, Lima Vaz retoma os

---

<sup>11</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 10.

<sup>12</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica: Volume II* (São Paulo: Edições Loyola, 2013), 119.

<sup>13</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 145.

<sup>14</sup> Cf. Lima Vaz, *Introdução à Antropologia Filosófica: Volume I* (São Paulo: Edições Loyola, 2014), 14.

elementos dessa crise especificando-a através dos problemas filosóficos de gênese e de estrutura. Max Scheler é referido como sendo o autor que operou a junção desses problemas ao conceber o ser humano como ser inserido na natureza. A reflexão do ser humano como parte da natureza é trabalhada centralmente na obra de Scheler<sup>15</sup>.

As referências a Scheler voltam a aparecer na rememoração histórica da antropologia filosófica. O nosso autor abre a discussão sobre a pertinência da questão na contemporaneidade, dizendo que “a denominação ‘antropologia filosófica’ difundiu-se na nomenclatura e filosofia contemporânea a partir da primeira metade do século XX, sobretudo nos círculos ligados a influência de Max Scheler”<sup>16</sup>. Ainda neste capítulo, Lima Vaz explica-nos de modo abrangente o caminho percorrido por Scheler ao colocar o ser humano no centro da reflexão:

Max Scheler desenvolveu numa linha original o método fenomenológico de E. Husserl, dando ênfase à dimensão afetiva e pré-conceptual do conhecimento. No centro da visão scheleriana do homem está o conceito de pessoa, sendo o pensamento de Scheler considerado uma das fontes principais do personalismo contemporâneo, tanto no campo da antropologia propriamente dita como no campo da moral. Mas, na última fase de sua evolução, Scheler pôs em primeiro plano a relação do homem com a natureza e afastou-se progressivamente do conceito de um Deus pessoal que desempenhara papel fundamental nas fases anteriores<sup>17</sup>.

Essa citação ilustra o *alcance* e os *limites* da assimilação do pensamento scheleriano pelo nosso autor. Podemos observar que Lima Vaz começa descrevendo como Scheler, através da ênfase à afetividade, traz para o centro a reflexão sobre o ser humano, o que contribui para o personalismo contemporâneo. Mas num segundo momento, ele salienta sutilmente o abandono do papel de um Deus pessoal na segunda fase de Scheler. Esse abandono mostra-se como limite, pois o personalismo de Lima Vaz origina-se tanto desta fonte fenomenológica, como também da fonte cristã. Veremos isso melhor na próxima citação que é uma das mais importantes para a execução do objeto deste artigo. Nela, ao explicar-nos a antropologia personalista, Lima Vaz expõe as correntes filosóficas a partir das quais sua obra inspira-se. Como é sabido, uma dessas correntes é a corrente tomásica. A outra é a corrente fenomenológica de inspiração scheleriana. Vejamos nas palavras do autor:

---

<sup>15</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume I* (São Paulo: Edições Loyola, 2014), 19.

<sup>16</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica: Volume I*, 142.

<sup>17</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, 146.

Na antropologia filosófica contemporânea, a categoria de pessoa é amplamente utilizada, e nessa utilização convém distinguir seja níveis epistemológicos distintos como o ontológico, o ético, o político, o psicológico ou pedagógico, seja concepções diferentes da pessoa segundo os diversos tipos de filosofia que empregam essa categoria. Desse modo, o personalismo é uma designação reivindicada por concepções do homem as mais diversas e, mesmo, opostas. Aqui nos limitamos aos personalismos de inspiração cristã que se referem à tradição da antropologia clássica, em particular a antropologia tomástica e a seus prolongamentos na escola tomista, e aos personalistas de inspiração fenomenológica que, de alguma maneira, se referem ao pensamento de Max Scheler<sup>18</sup>.

A partir dessa passagem, podemos confirmar a legitimidade do objeto de nosso estudo: encontrar os traços da fenomenologia de Max Scheler na obra de Lima Vaz, para enriquecermos a compreensão de seu discurso ético, pois essa passagem esclarece a influência e importância da intuição scheleriana no pensamento do autor brasileiro. A fenomenologia de Scheler é assumida por Lima Vaz no sentido de uma teoria que parte da existência do ser humano e busca reencontrar sua unidade, que foi fragmentada em meio às ciências humanas e naturais emergentes na modernidade<sup>19</sup>.

Por conseguinte, no discurso filosófico da antropologia, Lima Vaz volta a citar Scheler na categoria do espírito, especificamente ao falar dos atos espirituais:

A noção de “ato espiritual” ou, simplesmente, ato foi desenvolvida por Max Scheler, que a analisou fenomenologicamente com grande penetração e riqueza. O ato espiritual se define justamente pela intencionalidade irreduzível ao psíquico e ao fisiológico ou somático. A essa intencionalidade corresponde o desvelamento ou manifestação de uma “essencialidade”<sup>20</sup>.

Como veremos, a referência a Scheler ocorre todas as vezes em que Lima Vaz refere-se à dimensão psíquica do sujeito na formação de sua personalidade ética. No discurso da *Antropologia Filosófica*, essa referência não é feita sob o conceito “personalidade ética”, mas no discurso da *Ética Filosófica*, toda a compreensão estrutural e relacional do homem culmina na formação da personalidade moral<sup>21</sup>. É importante ressaltar que na passagem supraci-

<sup>18</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, 150.

<sup>19</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, 159.

<sup>20</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, 209, nota 18.

<sup>21</sup> O percurso feito por Lima Vaz para chegar à categoria de pessoa moral é um discurso sistemático e dialético que pressupõe todas as categorias da *Ética Filosófica*. Aqui estamos somente referindo-nos de modo abrangente para exemplificar o alcance do pensamento scheleriano na obra de Lima Vaz. A ideia é expandir ao máximo e enriquecer nossa compreensão da ética de Lima Vaz a partir da fenomenologia.

tada, Lima Vaz estava dissertando sobre a irredutibilidade da consciência à estrutura somática ou psíquica. A consciência é originalmente espiritual, ela é especificada pelos atos que são, também, atos essencialmente espirituais. Logo, os atos espirituais são atos essencialmente humanos, portanto, atos éticos.

Essa concepção será retomada por Lima Vaz no capítulo *A vida segundo o espírito*:

Deve-se dizer que o ato espiritual nasce ou flui imediatamente dessa fonte inesgotável que é o espírito; e, a originalidade do ato atesta a originalidade e unicidade de sua fonte: o ato espiritual é, no sentido mais estrito e mais próprio, como viu Max Scheler, o Ato da pessoa”<sup>22</sup>.

A análise do ato espiritual feita por Max Scheler é importante para a compreensão fenomenológica dos atos éticos na ambiência do *ethos*, pois como vimos na citação acima, a intencionalidade do ato é irredutível ao psíquico e ao somático. A partir dessa intencionalidade expressamos em ações, isto é, na existência concreta, a dimensão essencial do ser humano. A compreensão do ato ético como ato propriamente humano (no sentido de que o ato se origina na estrutura específica do ser humano, ou seja, na sua estrutura espiritual) será dialeticamente desenvolvida por Lima Vaz na categoria de realização. Nessa categoria, será exposto o paradoxo emergente da formação do ser humano como estrutura e relação, ou essência e existência<sup>23</sup>; a realização da essência na existência é a tarefa do ser humano enquanto sujeito. Pois, como sua dimensão antropológica constitui-se nesse paradoxo de opostos, necessariamente, deve-se buscar a unidade entre esse paradoxo, de modo a exprimir sua essência na existência. Logo, como a realização do ser humano é uma busca constante pela unidade, e essa busca realiza-se concretamente em sua morada simbólica (o *ethos*), o discurso da antropologia impele-nos ao discurso da ética.

Retomando às citações a Scheler e seguindo a ordem dessas citações ao longo da obra, na introdução à categoria de objetividade, Lima Vaz retoma dialeticamente aquilo que já foi exposto na primeira seção da *Antropologia Filosófica* (volume I). Ele explica-nos que as categorias de objetividade, intersubjetividade e transcendência exprimem a relação fundamental do ser humano com o mundo, com o outro e com o transcendente. Cada uma dessas esferas, por sua vez, exprime a realidade cuja primazia dá-se pelas categorias de estrutura (corpo próprio, psiquismo e espírito). Ao fazer essa retomada

---

<sup>22</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* I, 243.

<sup>23</sup> Enquanto estrutura, o ser humano é um ser fechado em si mesmo e, enquanto relação, o homem abre-se ao mundo, ao outro, ao absoluto.

dialética, Lima Vaz cita Max Scheler na categoria do psiquismo. Ele começa explicando a primazia do corpo na relação com o mundo, prossegue explicando a primazia do psiquismo na relação com o outro, até chegar na explicação da primazia do espírito na relação com o absoluto:

... significa que o corpo próprio é a condição primeira de possibilidade da nossa presença à realidade na forma de uma abertura constitutiva ao mundo, o psiquismo é a condição primeira de possibilidade da nossa presença à realidade na forma de uma abertura constitutiva ao outro (ou à história), o espírito é a condição primeira de possibilidade de nossa presença à realidade na forma de uma abertura constitutiva ao absoluto<sup>24</sup>.

A menção a Scheler vem na nota de rodapé para explicar a abertura constitutiva do ser humano ao outro. Diz Lima Vaz: “com efeito, é através das estruturas imaginárias e afetivas, como mostrou particularmente Max Scheler, que se constitui a abertura ao outro e se estabelece o nível fundamental das relações intersubjetivas”<sup>25</sup>. Essa nota de rodapé torna-se muito importante para compreendermos, agora por outra perspectiva, o que já foi exposto no volume I da *Antropologia Filosófica* sobre a categoria do psiquismo. Quando exposta neste volume, a categoria de psiquismo não trouxe referências a Max Scheler. Mas, através dessa nota, podemos observar a inspiração scheleriana quanto à pré-compreensão da categoria do psiquismo. A inspiração, mesmo que Lima Vaz não o cite diretamente<sup>26</sup>, possui raízes conceptuais acentuadas na antropologia de Max Scheler, e consiste nos fenômenos do imaginário e do afeto na presença psíquica do homem no mundo como ser-no-mundo e estar-no-mundo.

Seguindo a exposição do texto lima-vaziano, o autor explica quais são os dois sentidos de utilização do termo “objetividade” em seu texto: o sentido antropológico e o sentido gnosiológico. Segundo Lima Vaz, a significação antropológica da dimensão objetiva

designa a abertura do homem à realidade com a qual ele estabelece uma relação não recíproca que se apresenta, gnosiologicamente, pelo esquema S -> O. No sentido antropológico a objetividade é a propriedade que diferencia especificamente (ou categoricamente) a relação do homem com as coisas (*ta prágmata*) ou com a totalidade das coisas que constituem o mundo<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 14.

<sup>25</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 38, nota 13.

<sup>26</sup> Diz Lima Vaz na introdução, 191: “o psiquismo é captação do mundo exterior num mundo interior que se edifica sobre dois grandes eixos: o imaginário e o afetivo, ou o eixo da representação e o eixo da pulsão. Aí a pré-compreensão do psíquico se dá num entrecruzamento entre o estar-no-mundo e o ser-no-mundo, entre a presença natural e a presença intencional”.

<sup>27</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 15.

Em seu sentido gnosiológico (S -> O), a categoria de objetividade designa “a oposição do sujeito e do objeto na ordem do conhecimento ou a correção das esferas da subjetividade e da objetividade”<sup>28</sup>. Em outras palavras, para Lima Vaz, quando dizemos da relação objetiva do ser humano com o mundo, não nos referimos à relação empírica propriamente dita. É claro que a relação empírica é parte da relação humano-mundo, mas a análise filosófica não estuda este termo. O termo estudado na antropologia filosófica, no que diz respeito à relação humano-mundo, refere-se às formas da relação da subjetividade humana com a objetividade do mundo, isto é, um estudo gnosiológico da estrutura S -> O onde o protagonismo da análise concentra-se na estrutura antropológica do humano-sujeito<sup>29</sup>. A partir dessa explicação temos uma marca da diferença entre a antropologia lima-vaziana e a fenomenologia de Max Scheler, pois, se a relação humano-mundo em Lima Vaz se constitui como uma relação não recíproca, na fenomenologia essa relação possui duplo caráter. Para Max Scheler, a relação S -> O (o objeto, neste caso, é o mundo) constitui-se de forma recíproca S <-> O uma vez que, à medida que a subjetividade do ser humano se relaciona com a objetividade do mundo, o homem afeta o mundo e é por ele afetado, mutuamente. Para Lima Vaz, não é recíproco o sentido dessa afecção do mundo no humano. O sentido da afecção dá-se unilateralmente na relação de objetividade, onde o sujeito “já aparece como mediador do corpo próprio, do psiquismo e do espírito na unidade estrutural do homem, e é como tal que ele mediatiza a passagem da exterioridade dada para a exterioridade significada”<sup>30</sup>. Quer dizer, para Lima Vaz, o mundo não é afetado objetivamente pelo sujeito, mas o homem enquanto sujeito significa o mundo e significa sua experiência no mundo através de seu existir-no-mundo e ser-no-mundo. O traço fenomenológico dessa relação aparece no nível da pré-compreensão, onde Lima Vaz estuda a relação humano-mundo e o lugar desta relação na experiência que o sujeito estabelece com o mundo. A elucidação da pré-compreensão da categoria de objetividade parte da fenomenologia do mundo a fim de “definir o nível de pré-compreensão da relação de objetividade”<sup>31</sup> e definir suas características fundamentais. Vejamos brevemente o ponto de partida de Lima Vaz para elucidar a pré-compreensão da categoria de objetividade.

A noção de mundo, tal como a conhecemos, é recente na história da filosofia. Para os gregos, “a noção de mundo era empregada num sentido explicitamente ontológico, ou seja, o todo (*tó pán*) enquanto ordenado e

---

<sup>28</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 15.

<sup>29</sup> cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica II*, 15.

<sup>30</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 15.

<sup>31</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica Volume II*, 16.

adornado”<sup>32</sup>. Foi somente com a “revolução copernicana” de Kant que o termo *mundo* passou a ser tido como uma noção antropológica<sup>33</sup>. Mas essa definição kantiana permanece puramente formal e, logo, não consegue evidenciar a pessoa em sua unidade enquanto ser racional que exprime em atos sua dimensão espiritual. Lima Vaz explica que, somente na contemporaneidade, a concepção de mundo consegue expressar a relação da pessoa com o mundo exterior, a partir do historicismo de Dilthey e da virada fenomenológica. Na aporética histórica da pré-compreensão da relação de objetividade, Lima Vaz rememora-nos que o historicismo de Dilthey “introduziu a ideia de ‘visão de mundo’ (*Weltanschauung*), que exprime a relação do homem com o mundo exterior num contexto cultural dado ou numa época com características culturais próprias”<sup>34</sup>. O aspecto da visão de mundo de Dilthey é o aspecto histórico-cultural: “enquanto é referida às características culturais de uma época e encontra expressão modelar nas grandes obras de cultura dessa época”<sup>35</sup>. Contudo, “foi a corrente fenomenológica que contribuiu decisivamente para que o tema do mundo se tornasse um tema fundamental na filosofia contemporânea”, tendo como pai E. Husserl ao tematizar “a noção de mundo ao tratar da consciência natural e da experiência no caminho aberto pela redução fenomenológica para chegar à consciência pura”<sup>36</sup>. Nesse sentido, Lima Vaz afirma que Scheler “no contexto de seu personalismo tematizou o problema do mundo ao refletir sobre a correlação mundo-pessoa: assim como cada ato só adquire sentido na unidade da pessoa, assim cada objeto só é tal na unidade do mundo ao qual a pessoa se abre”<sup>37</sup>. Antes, no volume I da *Antropologia Filosófica*, Lima Vaz já tinha acentuado que

Max Scheler é considerado o iniciador da Antropologia Filosófica no sentido dado a essa disciplina na nomenclatura filosófica contemporânea. No seu livro *Die Stellung des Menschen im Kosmos* (1926), ele denuncia a ausência de uma concepção unitária do homem na cultura atual<sup>38</sup>.

Contudo, conforme apontamos acima, devido à diferença entre a abordagem da relação de objetividade feita por Lima Vaz (S -> O) e por Scheler (S <-> O), na *Antropologia Filosófica* não utiliza o conceito de mundo trazido por ele para esboçar a pré-compreensão da categoria de relação de objetividade. Para tal, Lima Vaz recorre à significação heideggeriana, pois

<sup>32</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 16.

<sup>33</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 16-17.

<sup>34</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 17.

<sup>35</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 17.

<sup>36</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 18.

<sup>37</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 18.

<sup>38</sup> Lima Vaz, Introdução, 14, nota 4.

a concepção de mundo não é “voltada para a elucidação do ser do homem, segundo a perspectiva da Antropologia Filosófica então em voga por obra de M. Scheler, e rejeitada explicitamente por Heidegger, e sim para a preparação de uma nova iniciativa do pensamento do Ser”<sup>39</sup>. Ou seja, o mundo como a preparativa para o pensamento do ser apresenta-se como o *horizonte* de “significação fenomenológica enquanto âmbito intencional do manifestar-se do mundo”<sup>40</sup>. Em outras palavras, na relação de objetividade, o mundo apresenta-se para o ser humano como polo intencional de seu agir, não como uma relação de co-significação através dos atos humanos no mundo, onde o ser humano significa a si mesmo e o objeto significa-se simultaneamente, como expressa a filosofia de Scheler.

Portanto, o mundo para Lima Vaz apresenta-se como o horizonte intencional de seu agir e a relação existente entre o humano e o mundo é uma relação de não-reciprocidade. Essa definição da categoria de relação de objetividade de Lima Vaz possui raízes fenomenológicas, contudo, não é a fenomenologia de Max Scheler, mas sim a intuição heideggeriana que lhe está subjacente. Nas palavras de Lima Vaz,

O mundo como horizonte pode, pois, ser descrito como espaço intencional cujas lindes estão em perpétuo movimento, sendo essa a justificação da metáfora do horizonte como exprimindo a primeira determinação da forma de expressão do sujeito ao relacionar-se com a realidade que lhe é exterior<sup>41</sup>.

Continuando com palavras do nosso autor,

O mundo, pois, tal como é entendido fenomenologicamente na pré-compreensão da relação de objetividade, não é uma soma, de resto impossível, de “coisas” e “eventos”, nem a moldura estática em que coisas e eventos se distribuem e se sucedem mas, justamente (sendo esta, portanto, uma metáfora inevitável) o horizonte móvel em cujo fundo desenha-se o perfil das coisas e o tempo transcorre como trama dos acontecimentos<sup>42</sup>.

Essas citações são importantes para demarcarmos um ponto onde a reflexão lima-vaziana impulsiona-se para além da intuição de Scheler, levando em conta sua contribuição para a formulação do conceito de mundo a partir da janela fenomenológica.

Na categoria da intersubjetividade, Lima Vaz estuda a relação do ser humano com o outro. Se na categoria da objetividade essa relação constitui-se

<sup>39</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 19-20.

<sup>40</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 20.

<sup>41</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 20.

<sup>42</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 21.

como *não-recíproca*, na categoria da intersubjetividade a relação constitui-se *reciprocamente e acontece* entre o par Eu-Tu formando o Nós. Nas relações de intersubjetividades dois infinitos intencionais relacionam-se mutuamente mediados pela linguagem<sup>43</sup>. Diz Lima Vaz:

Do mesmo modo como na relação de objetividade a realidade exterior é assumida pelo sujeito nas formas de expressão que configuram as esferas do mundo e da natureza, assim a relação de intersubjetividade deverá encontrar formas de expressão que traduzam a originalidade do encontro do outro – dos outros – no horizonte do mundo<sup>44</sup>.

A análise das formas antropológicas da relação intersubjetiva é dada no terreno mundano, onde “a pré-compreensão da relação de intersubjetividade tem lugar justamente no terreno desse anunciar-se ao outro e a ele responder, e é nesse terreno que seus diversos aspectos podem ser analisados”<sup>45</sup>. Nesse sentido, a relação com o outro opera o rompimento da *não-reciprocidade* da relação humano-mundo. A relação de intersubjetividade é “propriamente dia-lógica, estritamente recíproca, e se constitui como alternância de invocação e resposta entre sujeitos que se mostram como tais nessa e por essa reciprocidade”<sup>46</sup>. A estrutura da relação de intersubjetividade é reflexiva, ou seja, é uma relação que à medida que o Eu se intenciona ao outro, ele retorna a si mesmo na forma da autoafirmação do Eu-sou. Logo, enquanto reflexivas, as relações de intersubjetividades são relações de reconhecimento, pois quando um sujeito se volta para outro sujeito, ele reconhece suas próprias estruturas ontológicas no outro e, assim, significa a relação ao voltar a si próprio<sup>47</sup>.

Para falar do reconhecimento, a *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz recorre à analogia com a dialética do reconhecimento da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Explica Lima Vaz:

O problema da experiência do encontro com o outro, ou da experiência da relação intersubjetiva, por nós formulado como pré-compreensão da relação de intersubjetividade, é tratado na literatura filosófica mais recente sob vários enfoques temáticos e metodológicos. Em cada um deles o caminho para o outro é traçado num terreno que parece apresentar-se como o mais apto a oferecer um fundamento sólido, seja à expressão teórica da realidade do outro, seja à experiência de uma figura autêntica de sua alteridade. Assim, o

---

<sup>43</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 49-50.

<sup>44</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 51.

<sup>45</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 53.

<sup>46</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 53.

<sup>47</sup> Cf. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 54.

roteiro para o outro é traçado sucessivamente no terreno da fenomenologia, da gnosiologia, da psicologia, da lógica, da ética e da história<sup>48</sup>.

No terreno da psicologia, Lima Vaz cita Max Scheler como um dos autores que desenvolveu magistralmente a reflexão. Ele não irá desenrolar-se sobre, contudo, parece-nos que ele toma a reflexão scheleriana como pressuposto. Sobre esse aspecto, Lima Vaz também cita como referência a exposição que Laín Entralgo faz de Scheler em sua obra *Teoría y realidad del otro*<sup>49</sup>. Posteriormente, alude Scheler, indiretamente, na exposição sobre a percepção do outro:

O problema psicológico da relação de intersubjetividade formula-se no plano da realidade empírica do encontro com o outro, na medida em que ele se efetiva através da vida psíquica, desde a simples percepção à imaginação e à afetividade. Ao psiquismo, com efeito, cabe uma função privilegiada no estabelecimento das relações intersubjetivas já que esse tipo de relação, em virtude de sua essencial reciprocidade deve ser subjetivamente vivida, ou seja, deve realizar-se como vida de presença recíproca, vem a ser, de encontro e de diálogo. Se ao corpo próprio cabe a primazia na relação de objetividade, na medida em que por ele nos situamos no mundo, na relação de intersubjetividade o espaço intencional no qual o corpo próprio do eu e do outro entram em relação de reciprocidade não é o espaço da sua situação objetiva no mundo, mas de seu “fazer sinal” ou da sua “apresentação”, para falar como E. Husserl. A partir da percepção da alteridade específica do outro no desdobramento especular do corpo próprio ou da sua mútua reflexão, as formas psicológicas da relação intersubjetiva apresentam uma diferenciação rica e complexa, analisada, entre outros, por Max Scheler<sup>50</sup>.

A citação à análise feita por Scheler sobre os fatores psíquicos das relações intersubjetivas será retomada por Lima Vaz na *Ética Filosófica 1 e 2*. E, como vimos, foi citada no capítulo da objetividade como sendo uma análise importante para compreendermos a presença do ser humano no mundo do ponto de vista da fenomenologia. Os aspectos psicológicos presentes nas relações intersubjetivas reaparecem no primeiro volume da *Ética Filosófica* sob as formas do saber ético. No mesmo capítulo, a menção a Scheler é feita através da obra *Reue und Wiedergeburt*. Nessa obra, segundo Lima Vaz, Scheler analisa a dimensão psicológica das experiências características das relações éticas: o remorso, o arrependimento e a regeneração. Esses fatores psíquicos são aqui tratados no que diz respeito à consciência moral e à obri-

---

<sup>48</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 55-56.

<sup>49</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 84, nota 45.

<sup>50</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 57-58.

gação<sup>51</sup> e serão retomados no desenvolvimento da categoria de consciência moral como ato reflexivo do sujeito ético (*Escritos de Filosofia V*). Logo, já podemos ver uma relação entre a abordagem fenomenológica trazida por Lima Vaz na *Antropologia Filosófica* e sua repercussão na análise do fenômeno ético do agir e da vida do ser humano. O problema do arrependimento ressurgue nos *Escritos de Filosofia V*, onde Lima Vaz alude a análise feita por Scheler como “magistral”<sup>52</sup>. Mas veremos essa questão pontualmente quando tratarmos da ética.

A exposição da pré-compreensão da categoria de intersubjetividade termina com Lima Vaz dizendo:

Desdobrando-se nesses diversos aspectos, a pré-compreensão da relação de intersubjetividade tem lugar, por conseguinte, no espaço-tempo da coexistência, em que a *ipseidade* do Eu emerge sobre a simples identidade e se constitui reflexivamente na reciprocidade da relação com o outro<sup>53</sup>.

Esse desdobramento será importante para compreendermos a formação da *ipseidade* como identidade ética, através do aprofundamento da consciência moral que é a expressão definitiva do *ipse* do sujeito ético<sup>54</sup>.

Na aporética histórica da categoria de intersubjetividade, Lima Vaz nomeia Scheler como o precursor da abertura do caminho fenomenológico para o outro, entendendo o outro como ocupando o lugar central da filosofia atual<sup>55</sup>. A obra *Wesen und Formen der Sympathie* também é referida neste ponto<sup>56</sup>. Sobre Scheler, afirma Lima Vaz:

não obstante não tenha ele tematizado formalmente o problema da intersubjetividade, e sim o problema do acesso ao ‘outro’ como ‘Eu estranho’, suas análises pioneiras nessa e em outras obras oferecem um rico material para a caracterização fenomenológica da pré-compreensão da relação de intersubjetividade<sup>57</sup>.

Assim, podemos conceber, através dessa passagem, a relevância da compreensão de Scheler para o enriquecimento da compreensão da obra lima-vaziana.

---

<sup>51</sup> Cf. Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV*, 49.

<sup>52</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V*, 130.

<sup>53</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 60.

<sup>54</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V*, 64.

<sup>55</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 71.

<sup>56</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 82, nota 33.

<sup>57</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* Volume II, 83, nota 33.

Como visto na exposição acerca do *volume I* do texto da *Antropologia Filosófica*, Lima Vaz utiliza a intuição scheleriana para conceber a categoria de pessoa em consonância com a intuição tomásica. Aqui, nos cabe a exposição dos traços fenomenológicos desta categoria. De algum modo, a relevância do pensamento de Scheler para a concepção da categoria de pessoa de Lima Vaz já foi exposta, ao tratarmos da categoria de espírito. Nesse sentido, as citações retiradas do capítulo da categoria de pessoa irão reafirmar o que já foi dito alhures e acentuar o pressuposto fenomenológico na obra de Lima Vaz.

Na introdução da categoria de pessoa, Lima Vaz faz um apanhado histórico do desenvolvimento do paradigma fenomenológico a partir de Hegel. Lima Vaz afirma que esse paradigma “forma-se no espaço aberto pelo refluxo do hegelianismo em face do positivismo dominante na filosofia da segunda metade do século XIX”<sup>58</sup>. Nesse sentido, o paradigma fenomenológico constitui-se como “crítica ao psicologismo positivista” e “permite reformular em novas bases o problema da pessoa”<sup>59</sup>. Husserl, ao analisar a intencionalidade da consciência, abre caminho para a análise da relação pessoa-mundo. Esse recuo histórico tem o objetivo de mostrar como Max Scheler, a partir do desenvolvimento da fenomenologia, contribuiu para aprofundar o conceito de pessoa e de sua relação com o mundo. Vejamos nos termos de Lima Vaz:

No entanto, foi Max Scheler quem fez frutificar nesse ponto, de maneira original e profunda, a descoberta husserliana da intencionalidade. Provavelmente não é exagerado dizer que na obra de Scheler vão buscar inspiração as principais correntes personalizadas do século XX. A originalidade da concepção scheleriana da pessoa resulta exatamente do rigor com que ele a fundamenta numa fenomenologia do ato, definido inteiramente pelo seu vetor de intencionalidade e, por conseguinte, não se referindo a um qualquer substrato, sujeito ou substância. O atualismo é, pois, o fundamento da filosofia da pessoa segundo Scheler. Foi assim que ela apareceu como uma alternativa entre as metafísicas clássica e moderna e o positivismo, e fez do paradigma fenomenológico o quadro conceptual privilegiado, implícito o explícito, dos personalismos contemporâneos. É sobre fundamentos atualistas que vai apoiar-se a reivindicação do estatuto absoluto da pessoa, dele derivando a sua unicidade ontológica e a sua dignidade ética”<sup>60</sup>.

Nesta citação podemos reafirmar, a partir de Lima Vaz, o valor do pensamento antropológico de Scheler não somente sobre a obra do nosso autor, mas em toda a corrente personalista na qual ele alinha-se. Diz Lima Vaz:

---

<sup>58</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 199.

<sup>59</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 199.

<sup>60</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* II, 199.

A influência do paradigma fenomenológico é visível, por outro lado, em pensadores oriundos de tradições diferentes, mas que podem ser reunidos sob a denominação de filósofos da pessoa. O traço comum que une esses filósofos é a reflexão crítica sobre uma civilização como a nossa sacudida por conflitos abertos ou latentes entre os grandes sistemas organizacionais da sociedade (tecnociência, economia, política, comunicação de massa...) e a promoção histórica da pessoa<sup>61</sup>.

Nessa passagem, além de vermos a influência da fenomenologia nos filósofos da pessoa, incluindo Lima Vaz, podemos ver o elo àquilo que tratamos na introdução: a emergência da reflexão ético-filosófica sob o crivo e o desenrolar da sociedade, da tradição, da política e da cultura após os “longos e dramáticos trinta anos” (1914-1945) que puseram em risco a própria sobrevivência humana<sup>62</sup>.

## Seção 2: A fenomenologia na introdução à ética filosófica de Lima Vaz

Todo o percurso da *Antropologia Filosófica* impele-nos à *Ética Filosófica*. O ser humano, enquanto situado, exprime aquilo que é em essência na sua existência. Essa existência é concretizada no aqui e agora do existir, concretiza-se na ambiência do *ethos*. Do ponto de vista do conhecimento humano, podemos pensar que, definido *o que é o ser humano* podemos estudar como essa *essência* manifesta-se na *existência*, ou seja, em sua vida e seu agir. Vimos na seção anterior que a pré-compreensão das categorias da *Antropologia Filosófica* tem grande influência da corrente fenomenológica de inspiração scheleriana. Logo, como a *Ética Filosófica* é um desdobramento da *Antropologia Filosófica*, sistematicamente essa influência irá ressurgir na *Ética lima-vaziana* e poderemos entender a influência do personalismo moral de Scheler em Lima Vaz. Nos termos lima-vazianos, poderemos compreender que a pessoa é, em primeira e última instância, pessoa moral situada no aqui e agora do existir concreto.

Na introdução dos *Escritos de Filosofia IV*, Lima Vaz traça o percurso do desenvolvimento da *Ética* como saber filosófico, desde seu nascimento na Grécia do século V, até os autores do século XX. Esse percurso é esboçado para expor os problemas da ética filosófica quanto à relativização do universal do bem na pluralidade dos bens que, segundo Lima Vaz, é um problema epistemológico e ontológico. Esse problema é próprio da ética desde seu surgimento na Grécia Antiga. Lima Vaz descreve as soluções apresentadas

---

<sup>61</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica*, Volume II, 199-200.

<sup>62</sup> Lima Vaz, “Ética e Razão Moderna”, *Síntese Nova* Fase 22 (1995), 53-54.

pela filosofia grega e medieval e delinea como contraponto a transformação que o sistema de referência dos fins da razão clássica sofreu em face à razão moderna<sup>63</sup>. A mudança da racionalidade clássica para a racionalidade moderna acentua os problemas epistemológicos e ontológicos da ética contemporânea.

Dessa análise é importante observarmos a citação da obra de Scheler como sendo o palco do cultivo da herança da tradição filosófica da ética. Nas palavras de Lima Vaz:

A herança da tradição filosófica na *Ética* continuou, no entanto, a ser cultivada sobretudo na primeira metade do século XX na obra de alguns dos maiores filósofos dessa época, como Max Scheler, Nikolai Hartmann, Henri Bergson, sem falar dos pensadores de inspiração cristã como Maurice Blondel, J. Maritain, Joseph Pieper, Dietrich von Hildebrand entre outros<sup>64</sup>.

Tomando por base essa citação logo na introdução do texto da *Ética Filosófica* de Lima Vaz podemos intuir que, assim como na *Antropologia Filosófica*, a obra de Scheler será considerada no aspecto fenomenológico da ética lima-vaziana no desdobramento do fenômeno do ser humano no *ethos*. Vejamos, então, os momentos em que Scheler é citado por Lima Vaz ao longo dos dois volumes da *Introdução à Ética Filosófica*.

No capítulo 2 do primeiro volume da *Introdução à Ética Filosófica*, após falar da fenomenologia do *ethos*, Lima Vaz define as características da forma do saber ético. O saber como conhecimento acumulado e organizado de modo qualitativo é “o mais eficaz e poderoso instrumento de acesso ao mundo exterior e de presença ativa em meio às coisas”<sup>65</sup>. O mundo exterior é o *ethos* do indivíduo que, à medida em que se apresenta a ele na forma de conhecimento, origina as categorias fundamentais da ética. Essas categorias são as formas do saber ético. O termo “formas do saber” é utilizado por Lima Vaz segundo à expressão *Wissensformen*, de Scheler<sup>66</sup>.

Ainda neste capítulo, posteriormente, Lima Vaz refere-se a Scheler ao tratar da separação entre ética e religião, através da qual Scheler confere autonomia ao valor. A axiologia é desenvolvida por Max Scheler como teoria do valor dos atos da pessoa. Scheler desvincula a dimensão axiológica que guia os atos humanos da dimensão religiosa e a vincula no drama do coração, isto é, na dimensão afetiva do ser humano, fundamento do *ordo amoris* cujo significado é normativo e descritivo. Esse é o ponto em que, claramente, há

---

<sup>63</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV*, 19-24.

<sup>64</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV*, 24.

<sup>65</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV*, 45.

<sup>66</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV*, 46.

a dissonância entre o pensamento de Scheler e de Lima Vaz. Não por Lima Vaz ser um autor com marcantes influências religiosas, mas simplesmente porque para ele a religião constitui-se como uma das formas de expressão do saber ético. Para Lima Vaz, a dimensão valorativa dos atos pessoais é fundamentada na razão prática como quiasmo do espírito. Contudo, essa distinção entre o pensamento de Scheler e de Lima Vaz não se configura na oposição absoluta entre os dois autores, ao contrário, mesmo que haja essa distinção, Lima Vaz encontra em Scheler a intuição ideal para a concepção fenomenológica da pré-compreensão da Ética Filosófica.

A primeira citação que aparece a Scheler no *Escritos de Filosofia V* dá-se no momento da singularidade da *Estrutura Subjetiva do Agir Ético*. Lima Vaz começa a explicação filosófica da consciência moral falando sobre o dualismo entre consciência moral e ato moral emergido com o *cogito* cartesiano. Ele explica a origem desse dualismo através da distinção escolástica entre *reflexio in actu exercito* (reflexão exercida no próprio ato do conhecimento) e *reflexio in actu signato* (reflexão que se volta, como um novo ato, sobre o ato do conhecimento já completo). Acerca dessa distinção, Lima Vaz chama a atenção:

Ora, a experiência comum da consciência moral não se refere diretamente a essa reflexão imediata do ato da Razão prática sobre si mesma, que apenas a investigação filosófica pode descobrir e analisar. Ela tem por objeto certos fenômenos concomitantes ao ato e que se manifestam no âmbito de sua dimensão consciencial como, por exemplo, o remorso o sentimento de culpa angústia em face da culpa, o temor, a má-consciência, que surgem na esteira do ato moralmente mau e da sua reprovação pelo juízo da consciência. Ou então, ao contrário destes, o autocontentamento, o sentimento do dever cumprido, a paz interior, a boa consciência, que acompanham a aprovação interior do ato moralmente bom. Esses fenômenos situam-se na sequência do ato moral e da reflexão que ele é imanente (consciência moral) e múltiplos fatores - psíquicos, culturais, sociais - concorrem para sua Gênese. São, sem dúvida, fenômenos de natureza moral que se prestam a uma descrição fenomenológica. A uma descrição desse tipo dedicaram-se com admirável acuidade Max Scheler, Dietrich von Hildebrad e outros<sup>67</sup>.

Lima Vaz faz esse recuo ao dualismo existente entre o ato moral e a consciência moral para dizer que a compreensão filosófica da consciência moral recusa esse dualismo e identifica o ato moral à consciência moral. Podemos ver, portanto, que a identidade entre o ato moral e a consciência moral parte da própria experiência que o sujeito faz de sua consciência, isto é, parte da análise fenomenológica desse ato. Logo, se a experiência da consciência moral está

---

<sup>67</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia V*, 57-58.

vincada aos fenômenos psíquicos próprios dessa experiência, a análise sobre essa experiência deverá partir do mesmo lugar. Então, a partir da experiência psíquica da consciência podemos começar a refletir sobre “o componente reflexivo, essencial ao mesmo tempo ao ato moral como ato da razão prática, e à consciência moral como julgamento sobre a moralidade do ato”<sup>68</sup>. O julgamento do ato cumpre-se, portanto, na imanência do mesmo ato.

Lima Vaz parte do fenômeno do sujeito no *ethos* para justificar a correspondência entre ato moral e consciência moral. Para além da análise do fenômeno, Lima Vaz utiliza da análise que Scheler opera sobre a experiência psíquica do sujeito no *ethos*. Se lembrarmos do que foi dito sobre a estrutura psíquica do ser humano em nossa exposição sobre a *Antropologia Filosófica* podemos ver tanto a vinculação entre a ética e antropologia, quanto a coerência de Lima Vaz ao assumir os elementos da fenomenologia de Max Scheler em ambas as obras.

Ainda sobre o tema da subjetividade, mas agora ao tratar dessa estrutura na *Vida Ética*, Lima Vaz indica, entre outras, a obra de Scheler para uma compreensão mais profunda do conceito de virtude<sup>69</sup>. Lima Vaz rememora-nos, em seguida, a crítica de Max Scheler ao formalismo kantiano dizendo que com sua iniciativa de “reabilitação da virtude, o problema da virtude volta a ser um tema central da reflexão ética”<sup>70</sup>.

Em seguida, Scheler é aludido na *estrutura objetiva do agir ético*, especificamente no momento da universalidade. Lima Vaz cita-o quando trata do aspecto valorativo do bem dizendo: “do ponto de vista da Ética, a utilização da ideia de valor mostrou-se dotada de uma significação muito rica e revelou extraordinária fecundidade heurística na obra de grandes moralistas ligados à corrente fenomenológica como Max Scheler e Dietrich von Hildebrand”<sup>71</sup>. Nesse trecho, antes de citar Scheler, Lima Vaz havia percorrido algumas variações históricas a respeito da dimensão valorativa do bem. É importante dizer que, nesse sentido, o bem está sendo assumido enquanto valor recebido pela razão prática e, à medida em que é exercido livremente pelo sujeito possuidor de razão, avalia e escolhe entre a multiplicidade de bens que lhe são apresentados no momento da particularidade das situações. À medida que o sujeito delibera em vista dos bens que se apresentam como valor, ele perfaz o caminho de sua felicidade.

Como podemos ver, na *Ética Filosófica* as citações de Lima Vaz à Scheler não são *quantitativamente* muitas. Mas tomamos por base à *qualidade* das alusões feitas, como também tudo aquilo que foi pressuposto na

<sup>68</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* V, 58.

<sup>69</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* V, 148, nota 6.

<sup>70</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* V, 153.

<sup>71</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* V, 109.

*Antropologia Filosófica* é possível notar a influência do personalismo moral de Scheler na *Ética* de Lima Vaz. Segundo Lima Vaz, esse personalismo pode ser entendido como o conhecimento e a afirmação “do *outro* como o *eu estranho (fremdes Ich)*”<sup>72</sup>, onde a pessoa é inobjetivável, a pessoa “é a unidade ontológica concreta dos atos”<sup>73</sup>. Tentamos demonstrar essa influência através das citações retiradas da *Antropologia Filosófica*, que nesta obra constituiu a pré-compreensão das categorias de *espírito* e de *pessoa*.

A categoria de pessoa, retomada como ponto de partida da sistematização da *Ética Filosófica* lima-vaziana, é, também, o termo da obra. No sentido de que a reflexão sobre a *Ética* parte do sujeito, enquanto pessoa, situado no aqui e agora da existência no *ethos*: a estrutura subjetiva do agir e da vida éticos. Essa reflexão desenrola-se dialeticamente pelas estruturas da intersubjetividade e objetividade. O enfeixe dessas estruturas é dado justamente pela categoria de pessoa moral. Afirma Lima Vaz no capítulo final de sua *Ética Filosófica*: “resta-nos, para levar a termo nosso discurso em sua completude *sistemática*, avançar um último passo, talvez o mais difícil e decisivo, que nos conduzirá ao próprio cerne do problema de uma *Ética Filosófica*: a questão do *sujeito*”<sup>74</sup>.

A passagem anterior esboça que a questão central da *Ética Filosófica* de Lima Vaz é a *pessoa*. Como visto no decorrer deste artigo, a pré-compreensão dessa categoria parte da fenomenologia de inspiração scheleriana. Neste sentido, faz-se importante a compreensão deste ponto de partida e da influência da fenomenologia na obra de Lima Vaz. Contudo, o autor jesuíta opera o aprofundamento da questão fenomenológica. Para entendermos esse aprofundamento vamos analisar um dos aspectos do método da *Ética Filosófica*: os níveis de compreensão.

Para compreendermos a questão dos níveis de compreensão temos de ter em mente que método para Lima Vaz é caminho, e seu método é dito dialético. O ponto de partida do método de Lima Vaz consiste numa rememoração histórica dos grandes modelos que compõem a história da *Ética*. Conquanto na *Antropologia Filosófica* Lima Vaz faz este percurso analisando a concepção de ser humano em cada um dos períodos da história, na *Ética Filosófica*, por sua vez, Lima Vaz inicia esta análise histórica pelas origens fenomenológicas do *ethos* para, posteriormente, iniciar a rememoração histórica. O intuito de propor este capítulo sobre a fenomenologia do *ethos* consiste em apresentar “um método (caminho) propedêutico à *Ética*”<sup>75</sup>. Ou seja, este capítulo foi formulado para “traçar o perfil *eidético* do fenômeno ético e para oferecer-nos uma primeira expressão formal, em termos de saber reflexivo,

---

<sup>72</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* VI, 238.

<sup>73</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* VI, 238.

<sup>74</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia* V, 233.

<sup>75</sup> Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* I, 38-39.

do objeto real da Ética”<sup>76</sup>. Isso significa que Lima Vaz propõe este primeiro caminho para demonstrar conceitualmente como o *ethos* aparece, no sentido de fenômeno, na experiência humana, ou seja, para caracterizar a manifestação do *ethos* no indivíduo e a contribuição do indivíduo para a formação do *ethos*.

Do ponto de vista cognoscitivo do método dialético da *Ética Filosófica*, ela se apresenta em três níveis de compreensão: pré-compreensão, compreensão explicativa e compreensão filosófica. A pré-compreensão tem lugar na “experiência da *normatividade* inerente ao *ethos*”<sup>77</sup>. Este nível cognoscitivo é constituído pelas modalidades do saber que são transmitidas aos indivíduos através da educação ética. A pré-compreensão como saber ético é a “primeira expressão cultural e gnosiológica da razão prática”<sup>78</sup> (objeto da Ética), como também é um dos componentes essenciais do “mundo da vida” do indivíduo. Isso significa que a pré-compreensão tem lugar num determinado contexto histórico-cultural onde são observados os *hábitos de agir* dos indivíduos e, através do exemplo, ou da educação ética, esses hábitos são transmitidos no decorrer das gerações, e demarcam a dimensão normativa inerente ao *ethos* e à própria razão prática. É justamente neste nível que Lima Vaz utiliza da fenomenologia.

A compreensão explicativa é o plano no qual se situam as ciências humanas<sup>79</sup>. Essas ciências pretendem compreender o ser humano “por meio da explicação científica, obedecendo a cânones metodológicos próprios de cada ciência”<sup>80</sup>. Na estrutura subjetiva do agir ético, Lima Vaz explica que a compreensão explicativa tem lugar naquelas ciências humanas que se ocupam com o *ethos* e sua relação com o indivíduo. Ou seja, são as ciências que estudam o comportamento do ser humano enquanto indivíduo e enquanto sociedade. A psicologia e sociologia são alguns exemplos de ciências humanas.

Lima Vaz reconhece a importância das ciências humanas para os avanços recentes dos estudos sobre a Ética<sup>81</sup>. Contudo, o autor ouro-pretano alerta sobre a tentativa de colocar a compreensão explicativa como sucessora da compreensão filosófica. Para Lima Vaz:

O problema da universalidade formal da razão prática, atestada na criação da Ética como ciência e essencialmente distinto do problema da universalidade factual do saber ético, não encontra solução satisfatória dentro dos pressupostos metodológicos da compreensão explicativa e justifica o recurso a uma explicação do tipo filosófico<sup>82</sup>.

<sup>76</sup> Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* I, 39.

<sup>77</sup> Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* 2, 28.

<sup>78</sup> Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* 2, 28.

<sup>79</sup> Cf. Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* 2, 29.

<sup>80</sup> Lima Vaz, *Antropologia Filosófica* I, 161.

<sup>81</sup> Cf. Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* II, 29.

<sup>82</sup> Lima Vaz, *Introdução à Ética Filosófica* 2, 29.

A partir dessa citação podemos notar que Lima Vaz não exclui a importância das ciências humanas como *contribuição* para os estudos filosóficos sobre a razão prática. A crítica operada por ele consiste na problemática existente na sobreposição da compreensão explicativa à compreensão filosófica. Para o autor jesuíta, os métodos próprios das ciências humanas não são suficientes para justificar e demonstrar a complexidade do conteúdo ontológico da razão prática. Se pensarmos que em nossa cultura “o destino da Ética está irrevogavelmente ligado ao destino da Razão”<sup>83</sup> e que o tipo de uso da racionalidade que hoje tem primazia é a razão instrumental, podemos tentar compreender a problemática da sobreposição da compreensão explicativa à compreensão filosófica. Quer dizer, com o advento da razão instrumental sobreposta aos demais tipos de racionalidade, a própria razão prática está submetida aos procedimentos técnico-científicos. Neste sentido, a razão prática fica relegada aos métodos da razão técnica, o que esvazia o seu sentido e significação.

Para responder esta problemática, do ponto de vista metodológico, os níveis de compreensão na obra de Lima Vaz são regidos pela dialética, cujo princípio é a suprassunção. Logo, o primeiro nível é o da pré-compreensão, seguido da compreensão explicativa e enfeixado pela compreensão filosófica. O princípio da suprassunção garante que, à medida em que o discurso se desenvolve, ele conserva em sua estrutura cognoscitiva e ontológica os saberes obtidos e identificados no nível anterior. Como também confere ao próximo nível a possibilidade de aprofundamento daquele conhecimento obtido anteriormente. Temos de ter em mente que, como já explicitado no título da obra, o objetivo da Ética lima-vaziana é discorrer *filosoficamente* sobre os problemas do *ethos*. Em outras palavras, a constituição do pensamento filosófico de Lima Vaz passa pelos níveis do saber ético, provindo da experiência, e pelo nível do saber explicativo, provindo da experiência científica. Mas a formulação de sua teoria, ou o cerne de sua reflexão, ficará evidente no nível da compreensão filosófica, onde o saber é levado às indagações mais profundas e à busca dos fundamentos e princípios do agir. Lima Vaz parte da significação da realidade para nós e a descreve no nível da inteligibilidade em si. Ao compreendermos filosoficamente o nível da inteligibilidade em si podemos retornar dialeticamente à ambiência do *ethos* e ressignificar nossas relações através dos atos éticos num constante movimento para nossa autor-realização como pessoa. Do ponto de vista da ética filosófica, ao operar os atos propriamente humanos, a pessoa constitui-se como pessoa moral: capítulo que fecha dialeticamente a *Introdução à Ética Filosófica* de Lima Vaz e que já havia sido anunciado na *Antropologia Filosófica*.

---

<sup>83</sup> Cf. Lima Vaz, *Ética e Razão Moderna*, 58.

É neste sentido que podemos afirmar o ineditismo da *Ética Filosófica* em relação ao pensamento scheleriano: Lima Vaz utiliza a fenomenologia como o ponto de partida de sua reflexão, de modo que através dela seja possível captar filosoficamente os aspectos da realidade do *ethos*. Uma vez identificados esses aspectos, Lima Vaz eleva dialeticamente a investigação sobre o agir e a vida éticos, utilizando o princípio da suprassunção, de modo a conservar todo o conhecimento obtido anteriormente e aprofundar esse conhecimento em busca de sua unidade ontológica.

Por fim, à guisa de conclusão, no texto *Filosofia e Cultura* no capítulo *um itinerário para o absoluto*, Lima Vaz retoma a explicação do desenvolvimento da antropologia como disciplina e refere-se a Scheler, novamente, como sendo o precursor desse saber<sup>84</sup>. Logo em seguida Lima Vaz alude a Scheler:

A corrente do pensamento contemporâneo que mais poderosamente atraiu os pensadores cristãos foi, sem dúvida, a corrente fenomenológica. A consigna inicial da fenomenologia husserliana “para as coisas mesmas” e a descoberta de regiões específicas de intencionalidade oferecidas à análise fenomenológica foram interpretadas como primeiras pedras capazes de sustentar uma nova construção da filosofia cristã de um lado, abrir a perspectiva de um reencontro com realismo da tradição clássica, de outro, anunciava-se, sobretudo na obra de Max Scheler e seus discípulos, a possibilidade de um novo acesso filosófico a essas regiões fundamentais da experiência que são o religioso e o ético. A evolução posterior do movimento fenomenológico não confirmou essas expectativas. Elas foram, de resto, submergidos pelas vagas hegeliana – e sua variante marxiana – e heideggeriana, que cobriram o pensamento cristão no pós-guerra quanto a releitura Cristã de Hegel, encontrou-se com uma aporia final – justamente entre imanência e transcendência –, cuja solução apontou ao cabo para um retorno a metafísica clássica, sobretudo na sua versão tomásica<sup>85</sup>.

Recorremos a essa passagem do texto *Filosofia e Cultura* para concluir, pois nela o autor ouropretano expõe sua originalidade ao assumir os elementos da fenomenologia a partir de Max Scheler: *o itinerário para o absoluto parte da análise rigorosa do método fenomenológico*. Assim, parece-nos que essa análise original tenta encontrar aquela “possibilidade de um novo acesso filosófico” às regiões fundamentais da experiência, ou seja, à experiência religiosa e à ética, apoiado na obra de Scheler. Nesse sentido, mais uma vez, reafirmamos a relevância da dimensão fenomenológica de inspiração scheleriana na obra de Lima Vaz, além de acentuarmos a riqueza presente na

<sup>84</sup> Lima Vaz, *Escritos de filosofia III: filosofia e cultura* (São Paulo: Loyola, 2002), 255.

<sup>85</sup> Lima Vaz, *Escritos de Filosofia III*, 259-261.

concepção de sua obra e o passo ‘a mais’, por assim dizer, operado por Lima Vaz em relação a Scheler, sem deixar de nuançar a honestidade intelectual do filósofo jesuíta.

Ainda, é importante a rememoração e o ponto de acabamento naquelas partes do texto onde salientamos a diferença entre Max Scheler e Lima Vaz. Como dissemos essas diferenças não anulam a importância da reflexão fenomenológica de inspiração scheleriana na obra de Lima Vaz. Essas diferenças mostram-nos em que sentido Lima Vaz supera o pensamento scheleriano em sua obra e opera sua originalidade interpretativa do fenômeno humano no *ethos*. Vimos que o entrelaçamento dialético da abordagem da fenomenologia no texto de Lima Vaz possui seu ponto inicial na antropologia, caminha pela ética e deságua magistralmente na metafísica. É exatamente a partir desse entrelaçamento dialético que podemos remontar como Lima Vaz supera em certo sentido o pensamento de Max Scheler. Essa superação, ou melhor, o aprofundamento da reflexão sobre o fenômeno do ser humano no mundo e de suas relações dá-se no nível metafísico da reflexão filosófica de Lima Vaz.

Assim, ficam evidenciados os elementos fundamentais da obra do autor do *Ordo Amoris* que influenciaram a concepção da obra de Lima Vaz, como também a ponta do iceberg da forma como nosso autor supera a interpretação fenomenológica do homem na ambiência do *ethos*. Para compreendermos o aprofundamento metafísico da compreensão da realidade *em si* em Lima Vaz é necessário um estudo atento e sistemático do conjunto de sua obra.

## Bibliografia

- Lima Vaz, Henrique C. de. *Antropologia Filosófica I*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia filosófica II*. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia III: Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de filosofia VI: Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Ética e Razão Moderna”, *Síntese Nova* Fase 22 (1995), 53-54.
- Souza, Ricardo Timm. *Ética como fundamento II: Pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

